

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DIFERENTES CONCEPÇÕES E TERMINOLOGIAS PARA ABORDAGENS TRADUTÓRIAS AO LONGO DA HISTÓRIA

BRUNA ALBORNOZ D'ÁVILA¹; BEATRIZ VIÉGAS-FARIA²

¹Universidade Federal de Pelotas – contatobrunaalbornoz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beatrizv@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Desde o reconhecimento dos Estudos da Tradução como uma disciplina de cunho acadêmico, por volta da década de 1960, a produção científica na área tem proliferado. Dentre as problemáticas discutidas por diversos teóricos (cf. VIEIRA, 1996) está a distinção entre diferentes tipos de tradução, bem como a elaboração de uma terminologia para distingui-las. Apesar de cada autor estipular seus próprios termos, é notável que a maioria se atém a dicotomias de elementos opostos com definições vagas que priorizam a semelhança estrutural entre original e tradução, raramente considerando fatores contextuais ou extralinguísticos.

Este trabalho visa, então, à busca por diferentes definições e terminologias para os vários estágios do ato tradutório existentes entre os dois extremos nos quais os teóricos contemporâneos enfocam. Para isso, recorreremos aos tradutores do passado, pois, conforme afirma PYM (2014, p. 9), “estudamos a história da tradução para expressar, abordar e tentar solucionar problemas que afetem nossa própria situação (...) o passado é um objeto no qual buscamos as respostas para nossas perguntas”¹. Realizamos, assim, uma pesquisa no âmbito da História da Tradução com o objetivo de verificar como tradutores em diferentes períodos históricos classificaram e denominaram diferentes abordagens tradutórias, e que fatores priorizavam em seu trabalho e no momento de delinear tais categorias. Com isso, buscamos contribuir para os debates atuais acerca da Terminologia da Tradução, bem como para a História da Tradução e os Estudos de Adaptação.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa (a partir de DELISLE e WOODSWORTH (2003)) sobre a tradução ao longo da história ocidental, com atenção voltada para teóricos proeminentes e o modo como distinguiam diferentes abordagens. A partir dessa pesquisa, escolhemos dar enfoque em Cícero, São Jerônimo, Dryden, Goethe e Schleiermacher, visto que estes se destacam por estipular e caracterizar categorias para diferentes tipos de tradução.

Após uma pesquisa mais aprofundada sobre os autores em questão e o período em que viveram, comparamos as distinções apresentadas por eles, distribuindo-as em grupos estipulados com base nas categorias estabelecidas por alguns teóricos contemporâneos vistos em VIEIRA (1996) que também buscaram demarcar diferentes tipos de tradução, e discutindo no que convergem e diferem entre si, a fim de elucidar como se complementam e de que modo podem contribuir para os atuais Estudos da Tradução.

¹ Nossa tradução de “We do translation history in order to express, address and try to solve problems affecting our own situation. (...) the past is an object that must be made to respond to our questions.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da pesquisa, pudemos constatar que os autores antigos selecionados, à semelhança dos teóricos contemporâneos, tendem a se ater a dicotomias de elementos opostos. As exceções a essa tendência são Dryden (MILTON, 2010; OUSTINOFF, 2011) e GOETHE (2010), que distinguem três tipos de tradução.

Cada diferente categorização, bem como as opiniões de cada tradutor perante elas, é intimamente relacionada ao período histórico no qual foi concebida. Desse modo, o *interpretes* (aquele que realizasse a simples transferência linguística) e o *orator* (aquele que realizasse os ajustes necessários no texto para passar sua *força* de modo apropriado; cuja *persona* devia ser compatível com a do autor original) de Cícero dialogam com a tendência romana de buscar traduções que visassem à superação poética do original (VIEIRA, 2006). São Jerônimo, por sua vez, é o primeiro a estipular um tipo de tradução para diferentes tipos de texto devido ao caráter especial dos livros religiosos emergentes na Idade Média, afirmando que estes deveriam ser traduzidos *palavra por palavra* enquanto que, para os demais (textos científicos, literários, etc.), a abordagem apropriada seria a da tradução *ideia por ideia* (OUSTINOFF, 2011).

Dryden, teórico da chamada “visada tradutória do Renascimento”, foi o primeiro a estabelecer três diferentes termos: *metáfrase* (a tradução próxima ao original em forma), *paráfrase* (uma tradução que se mantém fiel ao conteúdo sem ater-se de forma muito precisa à forma do original) e *imitação* (uma versão de maior “liberdade”, que poderia se afastar do original em forma e conteúdo) (ibid.). Um ponto a ressaltar sobre Dryden é sua oposição ao terceiro tipo, uma opinião contrária à tendência das *belas infiéis* na época (MILTON, 2010; OUSTINOFF, 2011), às quais muitos eram a favor, afirmando que iam além da simples tradução, pois lidavam também com a criação (DELISLE e WOODSWORTH, 2003).

Schleiermacher e Goethe, já contemporâneos, considerariam ideias novas. GOETHE (2010) este considera a função do texto para com o público leitor, afirmando haver um tipo de tradução (caracterizada por ele como “singela”) apropriado para familiarizar o público com um tipo novo de texto, enquanto outro, oposto, pode ser encarado com estranhamento por ater-se muito às características do original (a tradução “sublime”). Haveria, ainda, um tipo de tradução “parodística”, cujo o objetivo seria a apropriação e alteração das características do texto.

SCHLEIERMACHER (2007), por sua vez, distingue um tipo de tradução adequado para textos literários e científicos, a tradução (*Übersetzen*) propriamente dita, enquanto que a interpretação (*Dolmetschen*) seria apropriada para textos comerciais. Para justificar sua escolha de termos, o autor afirma que a *tradução* lida com a língua escrita, maior meio de difusão e perpetuação da ciência e da arte, enquanto que as relações comerciais se dão oralmente e a escrita é um mero registro formal e mecânico.

Conforme exposto, cada teórico leva em consideração um aspecto diferente no momento de estipular sua terminologia (ou de delinear diferentes categorias, como é o caso de GOETHE (2010), que não as denomina). Se estabelecermos categorias com base nas dicotomias estipuladas por teóricos contemporâneos que também buscaram estabelecer terminologias – VINAY e DARBELNET (1960 *apud* BASTIANETTO, 1996), BARBOSA (1990 *apud* GONÇALVES, 1996), NIDA (1964 *apud* CARVALHO et al.) e NEWMARK (1988 *apud* SILVA, 1996) – uma denominada

TIPO 1, pertinente às abordagens que buscam a proximidade formal ao texto fonte; e outra *TIPO 2*, na qual se encaixarão aquelas cuja premissa é ater-se ao conteúdo sem grande preocupação com a forma – e tentarmos encaixar neles os termos expostos, veremos que isso não funciona para todos (Quadro 1):

Quadro 1: Distribuição das categorias em TIPO 1 e TIPO 2

TEÓRICO	TIPO 1	TIPO 2	UNIDADES RESTANTES
Cícero	Trabalho do <i>interpres</i>	Trabalho do <i>orator</i>	
São Jerônimo	Palavra por palavra	Ideia por ideia	
Dryden	Metáfrase	Paráfrase	Imitação
Goethe	“Tradução sublime”		“Tradução parodística” “Tradução singela”
Schleiermacher	Tradução (<i>Übersetzen</i>)	Interpretação (<i>Dolmetschen</i>)	

Percebe-se que três categorias não se encaixam em nenhuma das colunas estipuladas, pois vão além da forma e alteram também o *conteúdo* do texto fonte. Por esse motivo, pode-se mesmo associá-las a diferentes termos, como *adaptação* (no caso, principalmente, da “tradução singela”) e *apropriação*), seguindo os termos de SANDERS (2006). Contudo, mesmo que apresentem certo nível de alteração (mesmo *criação*), essas categorias ainda apresentam elementos de tradução – e, muitas vezes, são produzidas e apresentadas como tal.

Deve-se ressaltar, também, que mesmo dentro das mesmas seções, há divergência entre os termos. A tradução palavra-por-palavra de São Jerônimo, por exemplo, apresenta caráter muito mais literal e prescritivo do que as demais. Esta se encontraria em um extremo do TIPO 1, enquanto que a tradução sublime e a *übersetzen* se encontrariam na área limítrofe com o TIPO 2, apresentando mesmo características das unidades restantes. Na segunda categoria, por sua vez, o trabalho do *orator* e a *dolmetschen* seriam o intermediário entre TIPO 2 e unidades restantes.

4. CONCLUSÕES

Após o levantamento bibliográfico relativo aos teóricos em questão e a análise de suas terminologias, pudemos observar a existência de um *continuum* vasto entre os dois extremos normalmente considerados pelos teóricos contemporâneos da tradução. Constatamos que conceitos de teóricos diferentes se complementam, e que os pontos que os diferem são, muitas vezes, relativos a circunstâncias extralinguísticas consideradas pelos autores. Essas observações e reflexões apontam para a necessidade de uma maior reflexão acerca dos conceitos e termos mais usados atualmente, muitos dos quais, mesmo sendo amplos (ou vagos), não acolhem casos limítrofes ou especiais, como as categorias que não se encaixaram nos dois grandes grupos estipulados em nossa análise.

Com o fornecimento de um breve panorama histórico de diferentes categorizações de tradução, buscamos auxiliar estudantes e demais acadêmicos da área que tenham interesse na História da Tradução. Com a análise realizada no trabalho, esperamos apontar o caminho para os perigos das categorias vagas e generalistas, bem como para a vasta gama de possibilidades disponíveis à reflexão

acerca da Terminologia da Tradução, área fundamental para o aperfeiçoamento do caráter científico dos Estudos da Tradução (e dos relacionados Estudos de Adaptação), na qual ainda há pouco consenso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIANETTO, P. C. J.-P. Vinay e J. Darbelnet – Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction. In: VIEIRA, E. R. P. **Teorizando e Contextualizando a Tradução**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/PosLin, 1996. Cap.1, p.13-41.

CARVALHO, G. M. M.; COSTA, M. C. D. G.; CORREIA, M. M.; BASTIANETTO, P. C. Eugene Nida: Towards a Science of Translation. In: VIEIRA, E. R. P. **Teorizando e Contextualizando a Tradução**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/PosLin, 1996. Cap. 4, p.71-94.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os Tradutores na História**. São Paulo: Ática, 2003.

GOETHE, J. W. Drei Stücke vom Übersetzen/Três trechos sobre tradução. Trad. BLUME, R. F. In: HEIDERMAN, W. **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. Cap.3, p.28-35.

GONÇALVES, J. L. V. R. Heloísa Barbosa: Procedimentos Técnicos de Tradução. In: VIEIRA, E. R. P. **Teorizando e Contextualizando a Tradução**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/PosLin, 1996. Cap.3, p.59-67.

MILTON, J. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OUSTINOFF, M. **Tradução: História, Teorias e Métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PYM, A. **Method in Translation History**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

SANDERS, J. **Adaptation and Appropriation**. Nova Iorque: Routledge, 2006.

SCHLEIERMACHER, F. E. O. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. BRAIDA, C. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v.14, n.21, p.234-266, 2007.

SILVA, M-A. H. J. K. Peter Newmark: A Textbook in Translation. In: VIEIRA, E. R. P. **Teorizando e Contextualizando a Tradução**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/PosLin, 1996. Cap.5, p.95-102.

VIEIRA, B. Cícero e seu projeto tradutório. **Calíope: Presença Clássica**, Rio de Janeiro, n.15, p.23-35, 2006.

VIEIRA, E. R. P. **Teorizando e Contextualizando a Tradução**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/PosLin, 1996.